

▲ **Favela e ciência: como fazer pesquisa**
▼ **em territórios periféricos**

**PESQUISA
VACINA
MATERÉ**



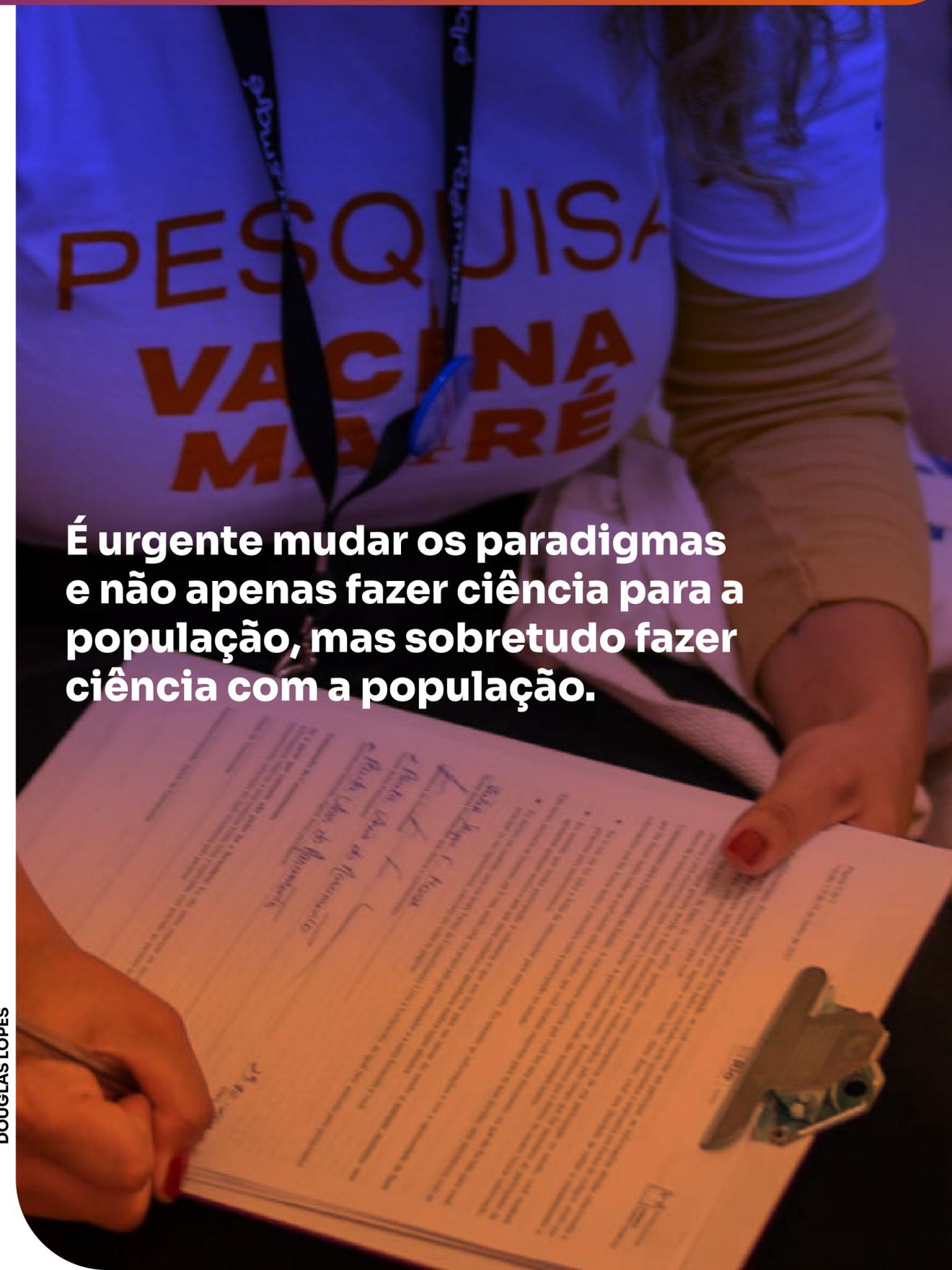
Prendemos com este material, compartilhar ferramentas, impressões e dicas práticas sobre a experiência de implementação da **Pesquisa Vacina Maré** nas 16 favelas que compõem o território da Maré.

Ali vivem mais de 140 mil pessoas, em cerca de 47 mil domicílios situados em uma área com menos de quatro quilômetros quadrados. O bairro é o nono mais populoso da cidade do Rio de Janeiro e maior do que 96% dos municípios do Brasil.

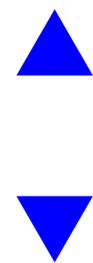
Fazer e vivenciar uma pesquisa científica, em um território real, com moradores voluntários, em um período prolongado de tempo não é apenas um desafio, mas uma inovação necessária para o momento em que vivemos. Sempre tendo como pressuposto as questões éticas e bioéticas que permeiam esta relação.

Não é mais possível fazer ciência sem engajamento no combate às desigualdades que marcam o Planeta no século 21. É urgente mudar os paradigmas e, não apenas fazer ciência para a população, mas sobretudo fazer ciência **com** a população.

É sobre isso que se trata este material, preparado com o intuito de compartilhar nossa experiência, como os erros e acertos desta caminhada, que se iniciou durante a pandemia de Covid-19. Sem fórmulas prontas, pois cada território tem as suas belezas, singularidades e desafios. Mas como uma inspiração para que novos e muitos projetos surjam, no Brasil e no mundo.



É urgente mudar os paradigmas e não apenas fazer ciência para a população, mas sobretudo fazer ciência com a população.



Criando relações de confiança e credibilidade

Engajar moradores e fazer ciência em um território exige a construção, por vezes lenta e desafiadora, de confiança e credibilidade. Já foi o tempo em que pesquisadores chegavam em comunidades, colhiam o material necessário para suas pesquisas e voltavam para seus laboratórios, preocupados com seus feitos científicos, sem uma escuta ativa das pessoas.





Ao chegar a um território de favelas e periferias, é essencial escutar as pessoas e respeitar os modos de ser, fazer e viver locais. Desta forma, perguntas iniciais e essenciais devem ser feitas:

Como as coisas são feitas aqui? O que posso aprender?

Qual o propósito do meu trabalho nesta comunidade?

O que estou me propondo a fazer e para quem?

Sou bem-vindo aqui?

A minha forma de comunicar dialoga com os saberes e práticas locais?

Qual o retorno dessa pesquisa para este território?

Quais parcerias preciso estabelecer para atuar aqui?



No caso da Pesquisa Vacina Maré, foi essencial a parceria, desde o primeiro momento, entre Fiocruz - centro público de excelência em pesquisa científica em saúde - e a Redes da Maré, organização de base comunitária que atua há mais de duas décadas no território e conhece profundamente as fortalezas e os desafios do local.

Durante todo o percurso, estratégias foram construídas conjuntamente, com respeito às expertises de cada ente envolvido. Um processo coletivo, que exige muito diálogo e abertura para formas diferentes de enxergar e resolver problemas.

DOUGLAS LOPES



LIÇÕES APRENDIDAS



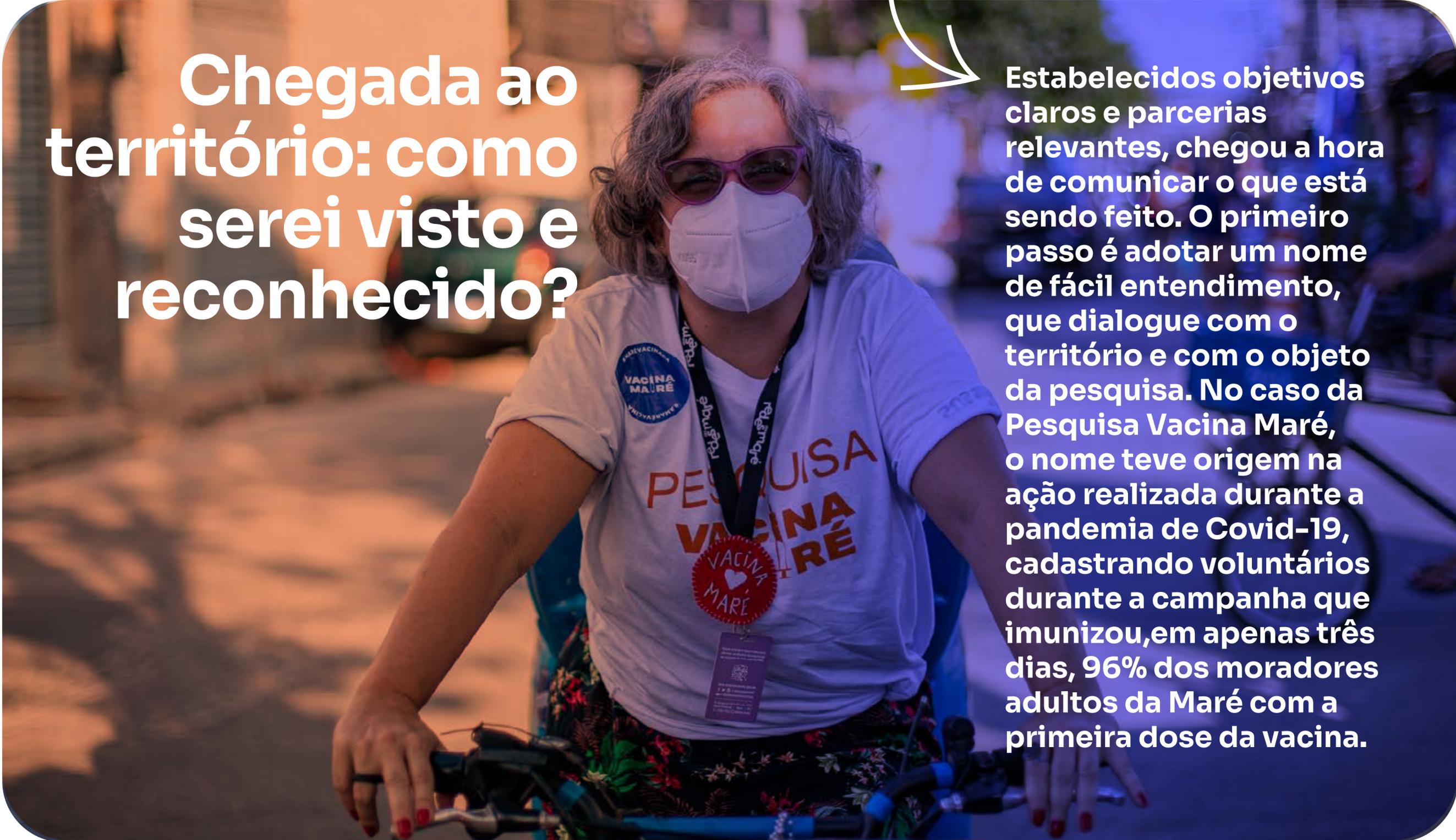
Entender o modo de ser e fazer locais é o primeiro passo. Escuta é fundamental.



Estabelecimento de parcerias locais, com organizações com lastro no território.



Disponibilidade para o diálogo e abertura para soluções fora do padrão.



Chegada ao território: como serei visto e reconhecido?

Estabelecidos objetivos claros e parcerias relevantes, chegou a hora de comunicar o que está sendo feito. O primeiro passo é adotar um nome de fácil entendimento, que dialogue com o território e com o objeto da pesquisa. No caso da Pesquisa Vacina Maré, o nome teve origem na ação realizada durante a pandemia de Covid-19, cadastrando voluntários durante a campanha que imunizou, em apenas três dias, 96% dos moradores adultos da Maré com a primeira dose da vacina.



Na sequência, houve a criação de uma logomarca e de uma identidade visual com possibilidade de variações e aplicações, tendo em vista que a Pesquisa tem atuação prolongada no território e necessita de uma comunicação que não fique repetitiva.

PESQUISA VACINA MARÉ



Criar materiais para marcar a presença do projeto no território foi o passo seguinte. Uniformes para a equipe, panfleto explicativo e cartazes, vídeo institucional, perfis nas redes sociais e website fizeram parte desta etapa.

Mimos para os participantes da Pesquisa (ecobag, adesivos, imãs de geladeira e álcool em gel) se mostraram uma estratégia de sucesso no engajamento dos voluntário. No caso da pesquisa Vacina Maré, a ecobag foi um item de grande procura e que facilitou o convencimento das pessoas para aderir a pesquisa e doar seu tempo para responder ao questionário e retirar a amostra de sangue.

Parcerias com jornais, rádios comunitárias e influenciadores digitais locais também ampliam a presença e credibilidade no território e ajudam a esclarecer conceitos e divulgar serviços oferecidos. No caso da Pesquisa Vacina Maré, foram estabelecidas parcerias com o jornal Maré de Notícias – que possui grande capilaridade no território – e com influenciadores digitais, como Raphael Vicente, cria da Maré com centenas de milhares de seguidores nas redes sociais.



DOUGLAS LOPES



Unificar as narrativas e mensagens-chave é outra etapa crucial – sobretudo quando notícias falsas anti-ciência são disseminadas de forma sistemática. Traduzir conceitos da pesquisa científica e de saúde para a equipe de campo, entendendo que ela atua também como comunicadora territorial nas interações com moradores, profissionais de saúde e instituições locais é estratégico para o bom andamento do projeto.

DOUGLAS LOPES



LIÇÕES APRENDIDAS



A comunicação é estratégica e deve estar, desde o primeiro momento, no coração das decisões e planos de ação do projeto.



Criar uma marca simples e de impacto é essencial para o projeto ser reconhecido no território.



É importante avaliar quais veículos de comunicação funcionam para cada caso: panfletos, carros de som, vídeos, redes sociais, website, veículos comunitários e até megafones podem ser utilizados.

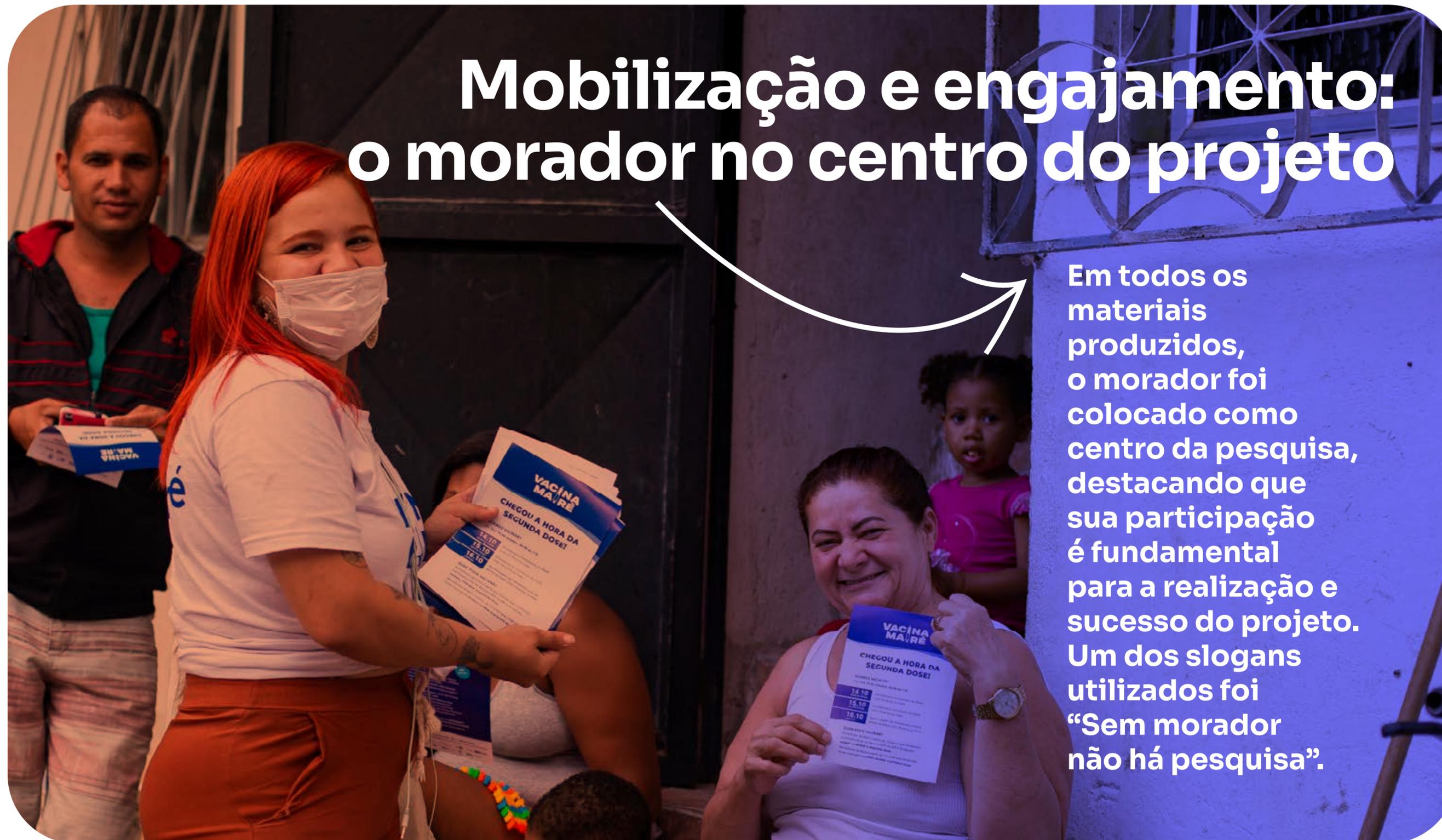


Mimos para os voluntários são itens que apoiam o engajamento e ajudam os articuladores no processo de convencimento dos moradores.



Mobilização e engajamento: o morador no centro do projeto

Em todos os materiais produzidos, o morador foi colocado como centro da pesquisa, destacando que sua participação é fundamental para a realização e sucesso do projeto. Um dos slogans utilizados foi “Sem morador não há pesquisa”.





Como parte da estratégia de engajamento dos moradores voluntários, foi criado o slogan “Eu faço parte da Pesquisa Vacina Maré!”, estimulando o sentimento de orgulho e importância de fazer parte de uma ação mundial de enfrentamento a uma doença que pode ser letal e que tirou centenas de milhares de vidas.

Durante todo o processo, a equipe de mobilização e engajamento da Pesquisa Vacina Maré – formada prioritariamente por moradores do território – trabalhou lado a lado com a comunicação, priorizando a devolutiva sobre como materiais e narrativas estavam sensibilizando e esclarecendo as pessoas para os objetivos da pesquisa.

Neste sentido, soluções simples e criativas – como a produção de um “bilhete” personalizado, com linguagem coloquial e o contato direto do mobilizador responsável pela área, colocado embaixo da porta de moradores que não estavam sendo encontrados nos horários das visitas – se mostraram efetivas e facilmente resolvidas com a aproximação das equipes de comunicação e mobilização.

LIÇÕES APRENDIDAS



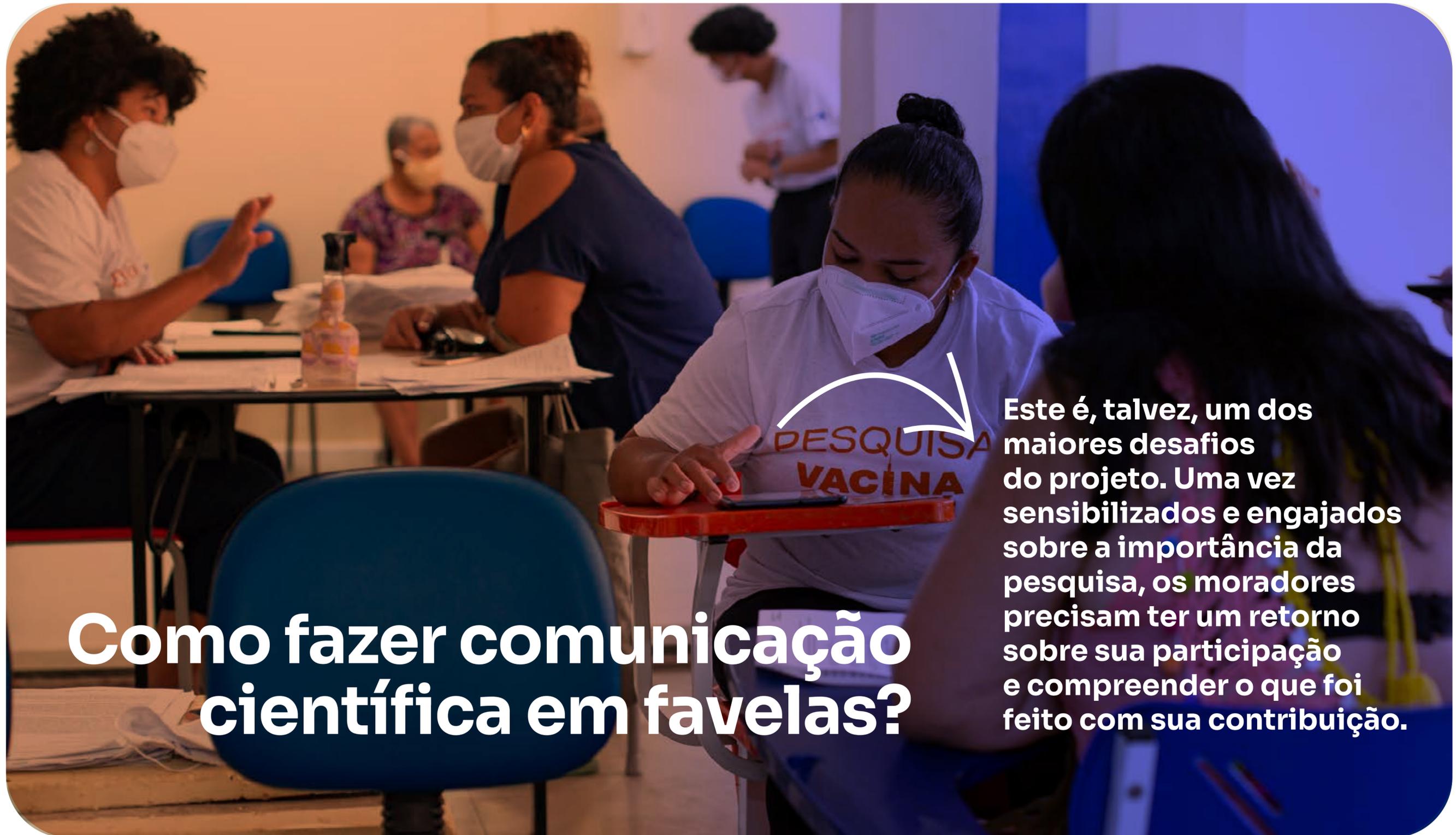
Criar e integrar, de forma permanente, equipes de comunicação e mobilização é crucial para levar as mensagens e engajar os moradores no projeto.



Testar permanentemente os materiais e narrativas, com o retorno sobre como está sendo o entendimento (ou não) das mensagens junto aos moradores é essencial.



Menos é mais. É mais importante ter poucos materiais esclarecedores e assertivos do que produzir um volume grande de peças que não comunicam ou não são distribuídas de forma assertiva para o público-alvo.



Como fazer comunicação científica em favelas?

Este é, talvez, um dos maiores desafios do projeto. Uma vez sensibilizados e engajados sobre a importância da pesquisa, os moradores precisam ter um retorno sobre sua participação e compreender o que foi feito com sua contribuição.



Sendo assim, como traduzir dados e resultados, muitas vezes acessíveis apenas para os próprios cientistas, para a população em geral e, mais especificamente, para pessoas que são voluntárias de uma pesquisa que pode levar anos para terminar?

No caso da Pesquisa Vacina Maré, a expertise da Redes da Maré em produzir conhecimento a partir do e para o território, utilizando os dados produzidos para pensar estratégias e ações concretas, fez toda a diferença.

E, mais uma vez, uma visão disruptiva sobre o que é fazer ciência em territórios populares é crucial. Em primeiro lugar, é necessário devolver, constantemente, os resultados para o território e não apenas “ao final” do estudo. Isso não quer dizer que resultados científicos inacabados serão divulgados, mas que dados e informações podem ser gerados e agregados ao processo – inclusive ajudando a produzir novas estratégias e desdobramentos para o próprio projeto.

Um exemplo foi o Encontro *Pesquisa Vacina Maré: Celebrando conquistas com o olhar no futuro*, com a presença de moradores participantes da pesquisa, profissionais de saúde do território, tecedores da Redes da Maré e instituições parceiras – somando mais de 120 pessoas dispostas a debater e falar de saúde e ciência na Maré. O encontro contou com rodas de conversa com relatos sobre a experiência e compartilhamento de dados, numa clara devolutiva de resultados para o território, a partir de dados gerados no próprio território.

LIÇÕES APRENDIDAS



É preciso enxergar a devolutiva de resultados para a população como parte central da pesquisa, produzindo e divulgando informações durante todo o processo.



Dados são informações estratégicas que podem auxiliar na criação de políticas públicas, como campanhas de vacinação, ações de prevenção de doenças e o fortalecimento da saúde pública.



É possível traduzir números, dados, resultados em informações simples e visuais que são compreendidas pela população em geral e ajudam a desmistificar o fazer científico.



O Encontro Pesquisa Vacina Maré: Celebrando conquistas com o olhar no futuro, contou com a presença de moradores participantes da pesquisa, profissionais de saúde do território, tecedores da Redes da Maré e instituições

Foram rodas de conversa, relatos sobre a experiência e compartilhamento de dados, devolvendo resultados para o território, a partir de dados gerados no próprio território.



Governança compartilhada: ninguém faz sozinho

O compartilhamento da liderança do projeto, com seus erros, acertos, desafios e virtudes, em pé de igualdade entre os parceiros e reconhecendo conhecimentos e lideranças já existentes no território, é sem dúvida uma das maiores inovações da Pesquisa Vacina Maré.



Neste modelo de governança, os saberes e expertises de cada ente são valorizados e compartilhados em prol do sucesso do projeto – sempre mirando a melhoria das condições de vida da população do território. Para isso, a confiança mútua e o respeito ao conhecimento único e intransferível de cada um são fundamentais.

O dinamismo do território, com suas características específicas – no caso da Maré, desde operações policiais constantes até a diferença cultural e socioeconômica entre as 16 favelas que a compõem – exige respostas rápidas para questões quase sempre urgentes. Desta forma, outro aspecto foi fundamental para o êxito do projeto: a agilidade em detectar erros e buscar soluções criativas e inovadoras.

Este ponto exige abertura para soluções “fora da caixa”, experimentações, respeito à experiência adquirida dentro e fora do projeto e desapego quanto a certezas pré-estabelecidas. Ter uma equipe dedicada e comprometida com novas formas de fazer ciência faz toda a diferença neste aspecto. No caso da Pesquisa Vacina Maré, há o compromisso com a formação de uma nova geração de pesquisadores, sob novos paradigmas.

É preciso ainda estar aberto para incorporar sugestões e olhares de parceiros, de dentro e de fora do território, com o objetivo de deixar legados concretos para a população. A pesquisa em si passa a ser um elemento em um processo mais amplo de fortalecimento de políticas públicas de saúde que permaneçam no território.

LIÇÕES APRENDIDAS



É preciso sair da zona de conforto e ousar novas soluções, com agilidade.



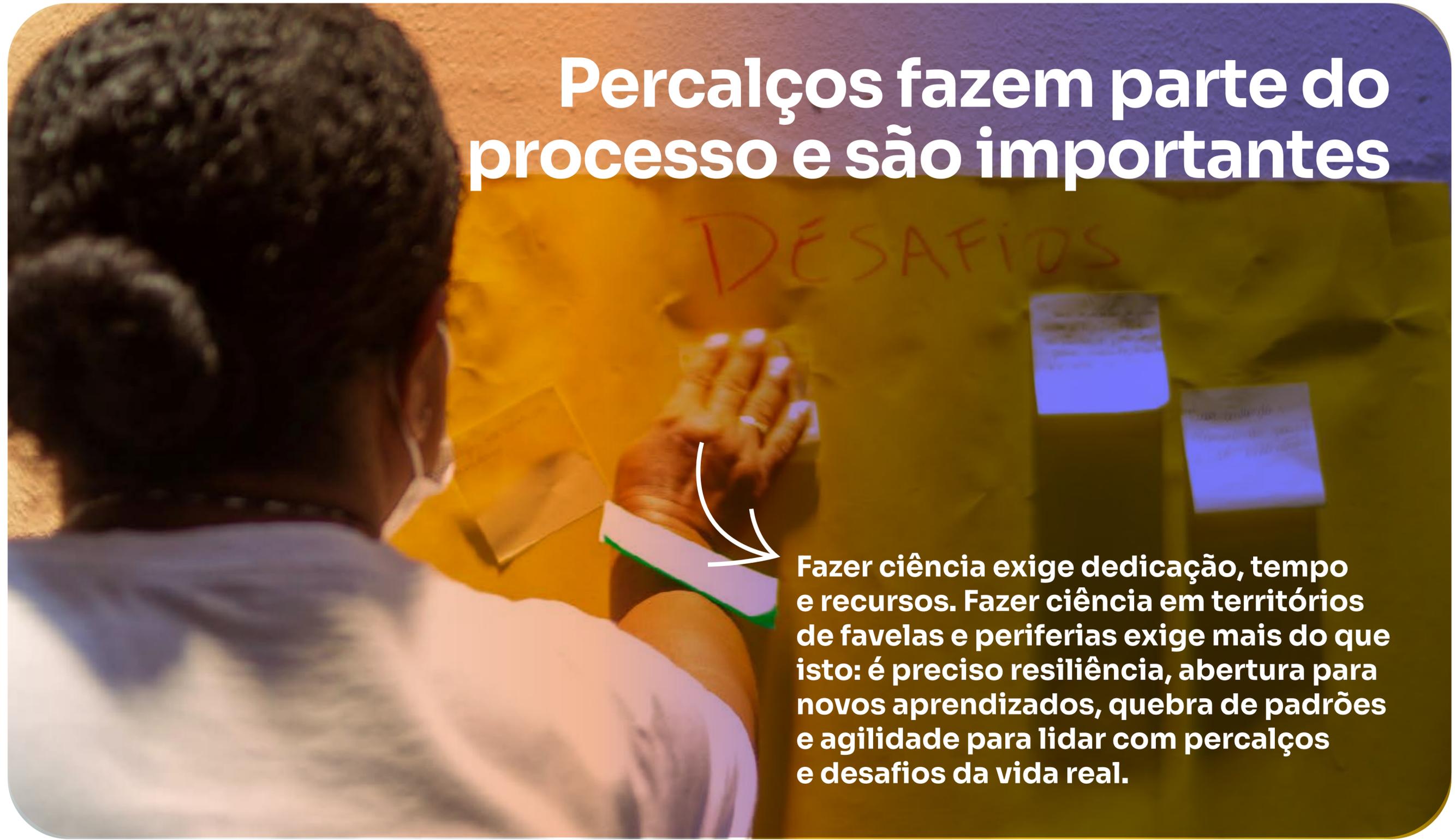
Objetivo é deixar um legado permanente no território e não apenas os resultados da pesquisa em si.



Os aprendizados do processo são tão importantes quanto os resultados da pesquisa e podem ser inspiradores para novas experiências.



Percalços fazem parte do processo e são importantes



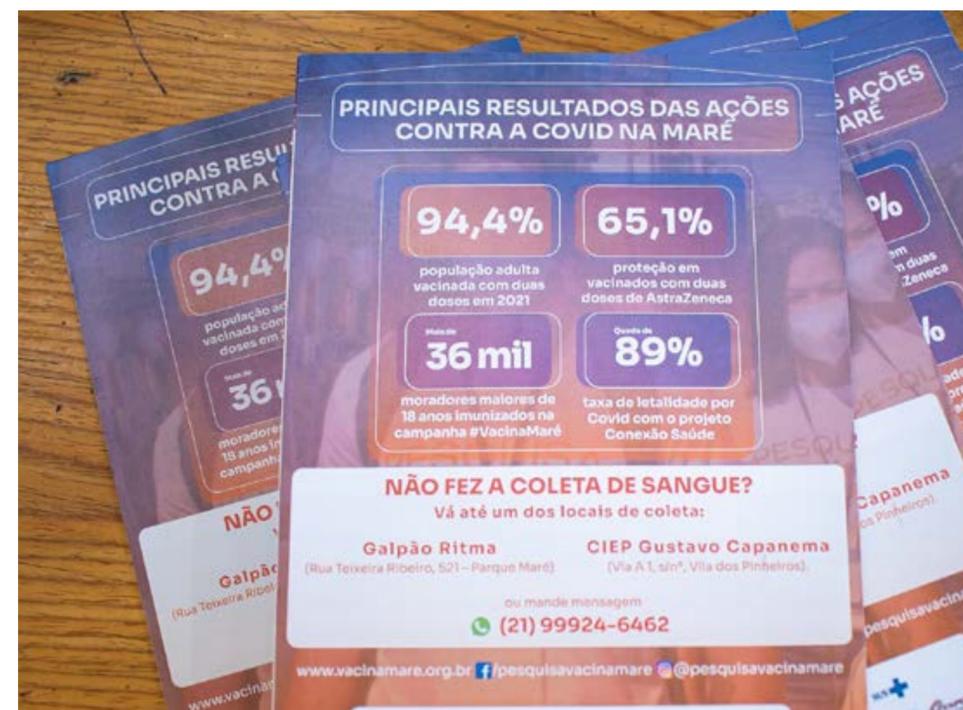
Fazer ciência exige dedicação, tempo e recursos. Fazer ciência em territórios de favelas e periferias exige mais do que isto: é preciso resiliência, abertura para novos aprendizados, quebra de padrões e agilidade para lidar com percalços e desafios da vida real.



No caso da Maré, um território que vivencia desigualdades e violências de todo tipo em seu cotidiano, a disponibilidade de lidar com a realidade que se impõe (desde operações policiais até a falta de estrutura básica em equipamentos do território) é uma tônica que perpassa toda a experiência do projeto.

No caso da comunicação, a falta de recursos específicos foi um desafio para a realização das ações necessárias para a mobilização, o engajamento e o esclarecimento das pessoas do território. Pensar e incorporar recursos financeiros e humanos para a área de comunicação, desde o início do projeto, como parte essencial da equipe, é fundamental.

Outro desafio importante, que exige soluções criativas e permanentes, é o de manter uma população saudável, sem a ameaça iminente de doenças – como a vivida durante a pandemia de Covid-19 – engajada em uma pesquisa científica, que tem seus tempos e metodologias próprias, por um tempo prolongado. No caso da coorte da Maré, são cerca de duas mil famílias envolvidas – um número robusto de pessoas que precisam se manter comprometidas e engajadas com a pesquisa.



LIÇÕES APRENDIDAS



Desafios são redobrados quando se faz ciência em um território real, sobretudo em favelas e periferias.



É preciso incorporar, desde o início do projeto, recursos específicos para comunicação, mobilização e engajamento.



Não existem fórmulas prontas. Cada território é único e exige soluções criativas e inovadoras para os problemas que surgem.



EXPEDIENTE

Coordenação geral

Eliana Silva
Fernando Bozza
Luna Arouca
Valcler Fernandes

Criação, roteiro e edição

Luciana Bento

Coordenação do Eixo Direito à Saúde

Everton Pereira e Luna Arouca

Coordenação do projeto

Carolina Dias

Coordenadores de campo

Diana Beserra
Henrique Gomes
Katia Lopes
Maiara Félix
Maykon Sardinha
Nabilla Lacerda Santana

Projeto gráfico e arte

Fabio Machado

Webdesign e site

Amapola Rios

Transcrição de entrevistas e grupos focais

Thaís Andrade

Tradução

Kelly Cristina Pereira

Articuladores

Adriana Paiva de Lima
Ana Paula Borba Santos
Bianca Teixeira
Dener oliveira
Elizabeth dos Santos Gonçalves
Erica Oliveira
Erica da Silva
Igor da Silva Miranda
Izamara Ferreira
José Gerson da Silva
Julia Serpa
Letícia Leal
Maria Eduarda Gomes Carvalho
Maria Marta de Oliveira Medeiros
Maria Michele Gomes Rodrigues
Matheus Lopes do Nascimento
Milena dos Santos Dutra
Nabilla Lacerda Santana
Pedro Augusto
Priscila de Jesus
Raimunda Nonata Canuto de Sousa
Romário Ferreira Euzébio
Suelem Carvalho de Castro
Tatiane Soares Vicente
Thayza Lima Menezes
Valter Luna
Vania Silva
Victor Souza
Vivian da Silva Pereira

Agentes comunitários de saúde

Aline Salasar
Ana Lourenço
Bianca Prado
Cleide Santos
Daniele Brito
Estela Romano
Irailda Marques
Juçara de Lima Rocha Costa
Larissa Nascimento
Luciana Silva
Maria José Tibúrcio
Michele Andrade
Odete de Oliveira
Oleandra Xavier
Roberta Gomes
Sônia Lourenço

Parceria:

Equipe Pathfinder TGNH

Flávia Thedim Costa Bueno
(Fiocruz, TGHN LAC)
Laís Martins Costa Araujo
(Fiocruz, TGHN LAC)
Larissa Pruner Marques
(Fiocruz, TGHN LAC)
Luciana Monteiro-Krebs
(Fiocruz, TGHN LAC)
Soraida Aguilar
(Fiocruz, TGHN LAC)



Esse trabalho contou com o apoio do Foreign, Commonwealth & Development Office and Wellcome [222048/Z/20/Z], e do Instituto Bill & Melinda Gates Foundation (OPP1209135).

Realização



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Parceria



Apoio

